

Percursos de Eros em *O escuro que te ilumina* de José Riço Direitinho

MARIA ARAÚJO DA SILVA
Sorbonne Université (CRIMIC)

Resumo

Propõe-se aqui uma reflexão sobre os percursos de Eros em *O escuro que te ilumina* de José Riço Direitinho (2018), um romance-diário que tece o retrato de um homem a caminhar, entre luz e sombra, à procura de si. Representado nas mais diversas manifestações e vivências e oscilando entre voyeurismo e exibicionismo, Eros assume, ao longo da narrativa, as vias do desejo sensual, da posse e do prazer para se afirmar como impulso que derruba fronteiras, num permanente desafio à moral vigente. Os corpos delineados no romance-diário erigem-se como força transgressiva numa Lisboa libertina, propícia a encontros fortuitos e repleta de variadíssimas tentações. Guiados pelo desejo e pela luxúria, esses mesmos corpos enveredam pelo excesso e pela vertigem, que funcionam como antídoto à angústia e a uma solidão potencialmente avassaladora.

Palavras-chave: Eros, corpo, desejo, sexualidade, transgressão

Abstract

We propose a reflection on Eros courses in José Riço Direitinho's novel *O escuro que te ilumina* (2018), a fictional diary which weaves the portrait of a man walking, between light and shadow, looking for himself. Represented in the most diverse manifestations and experiences and oscillating between voyeurism and exhibitionism, Eros assumes here the ways of sensual desire, possession and pleasure to assert itself as an impulse that breaks down borders, in a permanent challenge to the current morality. The bodies outlined in the novel are presented as a transgressive force in a libertine Lisbon, conducive to chance encounters and replete with varied temptations. Guided by desire and lust, these same bodies are driven by excess and vertigo, which act as an antidote to anguish and a potentially overwhelming solitude.

Key words: Eros, body, desire, sexuality, transgression.

São insondáveis os caminhos do desejo.
José Riço Direitinho

Ó deus, podemos gemer sem culpa?
Adélia Prado

Qui donc devant l'amour ose parler d'enfer ?
Charles Baudelaire

Autor da colectânea de contos *A casa do fim* (1992), a que se seguiram os romances *Breviário das más inclinações* (1994) e *o Relógio do cárcere* (1997) elogiados pela

crítica, o escritor José Riço Direitinho (Lisboa, 1965-), também conhecido pela sua actividade de tradução e de crítica literária no *Ípsilon*, suplemento do jornal *Público*, e na revista *Ler*, lança treze anos após *Um sorriso inesperado* (2005), e num registo e universo bem diferentes daqueles a que tem vindo a habituar os leitores, o seu último romance, *O escuro que te ilumina*, dado à estampa em maio de 2018¹.

Inscrevendo-se no que se poderá denominar de estética da provocação, este romance assume contornos marcadamente ousados no panorama da literatura portuguesa bem comportada nos costumes, na qual, salvo algumas excepções que se podem contar pelos dedos², pouco se explora o erotismo na sua vertente mais obscena, assunto relegado pela mão do patriarcado e da moral dominante para a esfera do tabu. “Escrever sobre sexo é estar no fio da navalha”, lembra Riço Direitinho, numa entrevista concedida a João Bonifácio (2018), assumindo que procurou com este romance, mais do que agradar, explorar as suas próprias fragilidades. Surge assim do escuro, uma luz tingida de provocação, simbolização e catarse, desafiando o enormíssimo pudor ou falso pudor ainda subsistente³, muito particularmente quando o sexo entra na dança do erotismo, rompendo o pudico véu do politicamente correcto, num tempo em que se alastram movimentos ultraconservadores em prol da santa família e de valores tradicionais, assumidos por poderes com laivos de intolerância acentuada.

Sem nos prendermos com critérios de valoração estética⁴ que dictam o “bom” ou “mau gosto” quando o sexo irrompe na literatura – até porque, como refere Lúcia Jorge, escrever sobre sexo “não é a medida para avaliar uma literatura” (Jorge 2010: 11) –, interessa-nos aqui desvendar os rostos que o erotismo e a sexualidade assumem neste romance centrado no desejo e no prazer dos corpos, e interrogar questões que se prendem com configurações ou estereótipos de género e relações de poder e dominação.

O romance, escrito em forma de diário redigido entre 1 de Janeiro e 31 de Outubro de um ano indeterminado, que sabemos bem próximo pelas referências a espaços lisboetas hoje conhecidos, tem por protagonista um professor universitário cuja idade se desconhece mas que podemos situar nas casa dos 50, que nutre uma paixão avassaladora por uma vizinha de quem pouco se sabe e ocupa parte das

¹ Romance baseado numa reportagem para a revista *Ler*: “XXX” Verão 2017 (146): 68-77.

² Como bem o evidenciou Urbano Tavares Rodrigues em “O erotismo na Literatura Portuguesa I”: Não será muito rica a literatura portuguesa em erotismo, como expressão sensual, corporal, do impulso amoroso, comparativamente com outras literaturas latinas, se dela arredarmos o obsceno, o fescenino e o satírico, que muitas vezes acompanham, ou marginam, essa vertente”. Cf. <https://damelume.wordpress.com/o-erotismo-na-literatura-portuguesa-i/> (consultado em 10/10/2018).

³ “A literatura portuguesa está cheia de pudor, falsamente vitoriano”, refere, a este propósito, o escritor Baptista-Bastos em <https://www.publico.pt/2010/02/10/culturaipsilon/noticia/andamos-a-escrever-mais-sobre-sexo-mas-sera-que-temos-jeito-250369> (consultado em 10/10/2018).

⁴ Critérios estes subjectivos e histórico, cultural e ideologicamente variáveis, como aponta Walter Kendrick ao afirmar que “‘pornography’ names an argument, not a thing.” (1987: 31)

noites a observar, do quinto andar do edifício lisboeta em que vive, as fantasias e fetiches dos moradores do prédio em frente, habitado por gente da classe média alta na casa dos 40 anos, através de um telescópio montado sobre um tripé, que corresponde ao que Michel Raimond define como “uma figura espacial de separação e de desejo” (Ramond 2000: 165), por oferecer a possibilidade de penetrar, mesmo que furtivamente, no universo secreto e cobiçado do Outro, despertando no sujeito a maior excitação e prazer. Além da assumida posição de voyeur, vemo-lo deambular pela noite lisboeta, guiado pelo desejo e pela luxúria, envolvendo-se em relações sexuais ocasionais geralmente dominadas pelo excesso. À semelhança de muitas das personagens com quem se envolve, leva uma vida dupla, caminhando por vias incertas e porosas em busca de si e de sentido.

Antes de mais, atentemos no paratexto. Primeiro, na capa, onde a reprodução de Octave Tassaert (1800-1874), *La femme damnée*, sugere a oscilação entre luz e sombra que pontua este “escuro que te ilumina”, remetendo ainda para o conhecido poema de Baudelaire (“Femmes damnées”, *Les Fleurs du mal*, 1947), centrado na dimensão sensual do corpo feminino, aqui também evidenciado pela presença de mulheres transgressivas e libertas de preconceitos, entregues a prazeres eróticos que desafiam a ordem e a moral, como veremos mais adiante. Na contracapa, lê-se: “Um romance erótico – e pornográfico, brutal, perigoso e inclassificável, onde reconhecemos parte da cidade e dos seus habitantes”. Romance erótico e pornográfico – lembrando, como é bem sabido, que a pornografia de uns é o erotismo dos outros e que delimitar fronteiras entre os dois campos constitui tarefa sobejamente árdua. Sem entrarmos em considerações aprofundadas em torno das duas noções, podemos afirmar que este romance segue a norma ontológica da pornografia ao descrever sem qualquer subterfúgio as aventuras sexuais do protagonista, geralmente reduzidas aos componentes mecânicos do acto, e expostas através de uma linguagem propositadamente crua e grosseira⁵. Sucedem-se nele cenas de masturbação, de penetração, de sexo oral, vaginal ou anal, *ménages à trois*, orgias anónimas e *gloryhole parties*, em passagens explícitas em que voyeurismo e exibicionismo se conjugam no despertar da excitação, segundo os códigos do *hardcore* tradicional.

Ao expor desejos, fantasmas e pulsões, nomeadamente a escópica – também ela fundamentalmente pornográfica – este romance permite-nos, de alguma forma, interrogar o político e o contemporâneo a partir das vertentes erotismo/pornografia, como lembra a antropóloga Gayle Rubin: “Le sexe est toujours politique”. Com efeito, tal como defendeu Badiou no ensaio *Pornographie du temps présent*, baseado na peça *O Balcão* de Genet, o “obsceno” tabu, colocado fora de cena – *obscene* – é posto aqui “em cena” – *on-scene* – (Williams 2014), dando conta da ordem social e das forças transgressoras e subversivas que a contrariam, de micro-

⁵ “Escrevo com as palavras que tenho de usar e com as asneiras que têm de ser ditas”, refere Riço Direitinho (*Ípsilon. Público*, 01/06/2018). Vejamos, a título de exemplo, a acumulação ostentatória de termos usados para referir o sexo masculino: “caralho”, “pau”, “verga”, “malho”, “mangalho”, “piça”, “marsápio”, entre muitos outros.

políticas ocultas em que a sexualidade se inscreve como instância libertadora e instrumento de contestação, reivindicação e resistência.

Se bem que pontuado de cenas erótico-pornográficas, quando interrogado sobre o conteúdo do livro, Riço Direitinho responde sem hesitação: “Vem anunciado como um romance pornográfico, mas está longe de ser só isso. [...] Pelo meio há cenas cruas de sexo mas é um romance romântico, ou ultra-romântico” (Bonifácio, 2018)⁶. Romântico ou ultrarromântico na idealização do amor e da mulher, na consciência de uma solidão desmedida de um ser que caminha nu, à beira do abismo, à procura de si. Um livro sobre o amor em que a busca de novas sensações e o comprazimento sexual e libidinoso se diluem num claro-escuro que funciona como antídoto à dor e solidão desesperada desse naufrago que não sabe como amar e desespera por ser amado. Destaca-se, ao longo da obra, a solidão deste ser descontínuo na busca frenética de uma “continuidade” (Bataille 1988: 18) que o resgate do isolamento, da fragmentação, da dissolução, continuidade esta vislumbrada na possibilidade do amor e na união dos corpos, na fusão do acto sexual que dissolve os limites corporais, atenuando a angústia da separação e da morte, como bem o evidenciou o escritor e ensaísta francês. “Le seul antidote à l’angoisse qu’engendre chez l’homme la connaissance de sa mort inéluctable, c’est la joie érotique”, lembra, na mesma senda, Gilles Néret (2005: 13).

À guisa de prefácio e dominado por tom soturno e desesperado, deparamos com o relato poético da sinuosa peregrinação de um sujeito pelos meandros de uma floresta em que ecoam ressonâncias profundas, metáfora da viagem da vida como processo de perda contínua, povoado de sombras e memórias afetivas. Por detrás deste peregrino, adivinhamos facilmente o autor-narrador do diário, dominado por uma ânsia de unidade e completude:

Não era um sonho erótico: pelo
menos, não era um sonho
explicitamente erótico.
Um peregrino caminha nu, muito
devagar e com os olhos fechados,
no escuro de uma floresta: parece
conhecer já bem aquele trilho.
Chove, mas a chuva não o molha.
Vai sozinho repetindo sem cessar,
baixinho, o teu nome, e segura uma
almofada grande, branca. Segue de
memória a luz escura do teu olhar. (Direitinho 2018: 3)

Nesta narrativa, à semelhança do que Octavio Paz denotou em *À la recherche du temps perdu*, “o caminho não leva à salvação do eu mas à revelação de uma vacuidade inefável e indizível” (Paz 1995: 29), ao afundar do sujeito num vazio que só o diário – “exercício de catarse que serve também para registo de memória de

⁶ “*O escuro que te ilumina* é um falso livro pornográfico, uma sucessão de casos sexuais que retratam uma solidão imensa, que só o corpo acalma”, lemos ainda na entrevista concedida a João Bonifácio (*Ípsilon. Público*, 01/06/2018).

um tempo que acabou” (Direitinho 2018: 44) – pode salvar. “Porque quem escreve procura sempre salvar-se”, lembra o acadêmico a dado momento (Direitinho 2018: 23). Redigido “[c]om uma esferográfica cravada no coração” (Direitinho 2018: 12), o romance-diário gira em torno desse olhar que dá alento ao amante solitário: “Porque é de ti que me vem o fogo”, lemos na epígrafe introdutória de Herberto Helder (Direitinho 2018: 10). A grande força motriz do romance-diário é portanto o amor platônico que o professor nutre pela vizinha do terceiro andar do prédio em frente, colocada num patamar superior, qual “Senhor” idealizada das cantigas de amor trovadorescas. Uma figura etérea, intangível, à semelhança da Laura de Petrarca, de cujos versos se socorre para traduzir a paixão que o assola. Nesse amor purificado, a vizinha mais não é do que uma doce imagem, uma figura que passa, ténue, ilusória, enigmática até desaparecer por completo, como a mulher cantada por Pessoa:

Quando eu me sento à janela
P’los vidros que a neve embaça
Vejo a doce imagem dela
Quando passa... passa ... passa...
[...]
Quando eu me sento à janela,
P’los vidros que a neve embaça
Julgo ver a imagem dela
Que já não passa... não passa... (Pessoa, 1902, *apud* Lopes 1990: 105)

Com contornos de essência inalcançável, a mulher vislumbrada e amada enquanto ausência funciona como estímulo do desejo pois, como bem sabemos, Eros constitui um anseio por algo que não se tem e se deseja ardentemente. Um amor como miragem alienadora, uma “ascética” e “uma estética” (Paz 1995: 54) que leva o amante, consciente do abismo que o separa daquela cujo nome “só o coração pode pronunciar” (Direitinho 2018: 7), a mergulhar nas contraditórias emoções do *amor que arde sem se ver*, a passar da exaltação ao desânimo, da alegria ao sofrimento, da esperança ao mais profundo desespero. Este amor alto e puro, virado para as camadas superiores, nasce da visão e da contemplação epifânica de uma formosura corporal, alimentando-se da separação e da distância. Mas ao refutar a matéria, condena à solidão, numa “lenta aprendizagem da espera e da esperança” (Direitinho 2018: 26). Uma solidão também ela erótica, nos dizeres deste amante-vassalo:

A solidão só é erótica quando revela um abandono: a visão dessa ferida ainda por sarar, a visão desse lugar esvaziado e obscuro, dá sempre espaço a uma possibilidade: o enigma avistado alimenta os nossos fantasmas: empurra-nos para a transgressão de os viver, e com isso abandonamo-nos ao outro. (Direitinho 2018: 27)

Este erotismo perpassado de paixão não dispensa o amor na sua manifestação mais física e sensual; ao lado de Laura, existe Vénus e as duas afrontam-se continuamente sem que o sujeito consiga realizar a sua síntese. E a inconclusão, a perplexidade, a busca da síntese e a angústia por ela provocada, que, como bem

evidenciaram os estudiosos, fez a originalidade de Camões em face de Petrarca, encontram-se, de igual modo, aqui reunidas.

O corpo atrai, seduz, excita. “O encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Vestido ou nu, o corpo é uma presença: uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo” (Direitinho 2018: 148), salienta o professor universitário cujo olfacto – sentido de suma relevância para o fetichista, segundo Pasini (2003: 62) – se conjuga com as percepções visuais e tácteis no avolumar da atração e do desejo : “Tivesse eu crescido em Paris, poderia dizer: *Je suis un ‘nez’*” (Direitinho 2018: 12). A fascinação erótica decorre do olhar que o próprio assume como “amoral” (Direitinho 2018: 13) quando observa a vida dos outros em busca do que possam esconder: “Sim, também tenho esse lado meio perverso de voyeur, obviamente: a devassidão dos outros comove-me” (Direitinho 2018: 14), afirma de uma maneira quase cínica, deixando também entender que essas histórias só lhe interessam para melhor se conhecer e entender as suas falhas (Direitinho 2018: 13).

O que procura na vida alheia é o lado escuro que a ilumina e não se revela a um olhar distraído, a vida escondida por detrás da máscara pública, as fantasias eróticas que ganham asas na intimidade protegida e vão para além das “quecas higiénicas para ‘cumprir calendário’” (Direitinho 2018: 39). De olho cravado no telescópio, acompanhamos assim os passos desses vizinhos em busca de deslumbramento e fascinação como forma de ressuscitar o “ringue de silêncios pactuados e de lutas mudas” (Direitinho 2018: 20) a que a rotina reduz o espaço doméstico. Do nosso posto de observação, descobrimos, guiados pelo olhar do professor, que o tipo do primeiro andar, divorciado, preenche as noites que demoram a ser atravessadas “a ver filmes pornográficos em contínuo” (Direitinho 2018: 20) não filmes pornográficos de um qualquer canal de pornografia paga mas “DVD de um catálogo a tocar o insano” (Direitinho 2018: 22). O casal de médicos do segundo andar aproveita, quanto a ele, as ausências do filho adolescente para se “recrear” ou “recriar” com jogos de tonalidades *queer* que funcionam como estímulos ao tédio ou à “calcificação” da vida conjugal:

[...] ele põe uma cabeleira, preta e comprida, veste lingerie rendada: cinto de ligas e meias: por vezes calça botas: cano alto, a tapar o joelho: é um *crossdresser*. O único adereço dela é um *strap-on*: passeia nua entre o sofá da sala e a cama: nessas noites sodomiza-o várias vezes. (Direitinho 2018: 16-17)

O académico não hesita em seguir o casal do rés-do-chão, cuja rotina entediante é quebrada às quartas-feiras com umas idas ao “Sauna Apolo 56”, onde clientes de diversas orientações sexuais se entregam a jogos eróticos e onde, num dos gabinetes privados, a esposa é massajada por um jovem nu, sob o olhar libidinoso do marido e deste náufrago que se sente envelhecer “com a nómada solidão das aves” (Direitinho 2018: 29) e vive perseguido pelo ansioso sentimento de não se “sentir fisicamente desejável”, apenas visto como “o gajo simpático” de segunda linha, um homem de reserva procurado de forma ocasional na ausência de melhor. “[...] eu não tinha aspeto para competir com outros – era gordo, e pelos vistos o sebo deformava-me também as feições” (Direitinho 2018: 55). Interessante será atentar

na sua reflexão sobre a masculinidade – a sua que procura reabilitar – e a percepção que tem de si-próprio como objeto de desejo sapiosexual⁷ condenado a esmorecer:

Cansado de “não existir” fisicamente, de ser apenas uma “ideia” que elas admiravam, uma excitação platónica que não precisava de se materializar, cansado também de as ouvir elogiar a aparência física dos outros [...] mudei: tive de mudar para continuar vivo. E o sexo passou a ser a maneira de me salvar: a maneira que tenho mais à mão – agora: depois de ter um aspecto mais aceitável – passou a ser o modo de receber o afecto físico que há muito, apenas por minha culpa, não conseguia ter. (Direitinho 2018: 55-56)

Depois de observar a vida dos outros, este homem que sofre com a rejeição entra em acção, envolvendo-se de forma desenfreada nas mais diversas experiências sexuais: ora sexo oral com uma jovem aluna, uma Lolita capaz “de trazer de volta à vida um professor jubilado” (Direitinho 2018: 52) – momento pontuado por versos satírico-eróticos do libertino Bocage –, ora aventuras com desconhecidas e desconhecidos, amputadas de subjectividade e marcadas por excessos e vertigens: *dogging* em parques de estacionamento à beira-rio ou em praias propícias a encontros fortuitos, onde “tudo pode acontecer, ou quase tudo: hetero, homo, bi, trans” (Direitinho 2018: 68), experiências BDSM em diversos clubes da especialidade – *Mise-en-Scène*, *Purex*, entre outros “locais de sexo dissoluto, segundo a moral vigente” (Bonifácio 2018) –, onde se multiplicam perversões suaves ou violentas com todo o aparato e o arsenal composto de objectos fetiches e eróticos, estimuladores do desejo e do prazer. Lembre-se que em muitos dos encontros, o professor usa apenas uma sotaina como objecto de sedução e “salvação”, erigida simultaneamente como força provocadora e transgressiva. Da mesma forma, o lugar público e sagrado da igreja exacerba-lhe o desejo e convida-o à transgressão, com os versos de Adélia Prado a ecoarem-lhe no pensamento:

Os lugares de culto religioso como todos os interditos cimeiros da moral sexual, quase convidam à transgressão (convidam pelo menos cabeças como a minha): o acto de transgredir, é sabido, carrega sempre o forte ingrediente do erotismo. Ela estava ali para isso: eu também: para sentir o erótico mais como condimento do que para cometer alarvemente o pecado da gula: devorando tudo de uma assentada – na verdade, éramos ambos frugais convivas agradados a quem a dissoluta mesa seduz. (Direitinho 2018: 64-65)

Como bem o evidenciou Bataille⁸, intrinsecamente ligada à noção de proibição sexual, condimentada com as de culpa e pecado, a transgressão é apresentada

⁷ A mesma reflexão sobre “essa coisa agora muito em moda e moderna de *erotizar a inteligência* [...] numa obediência ao politicamente correcto e à moral vigente” é explanada no diário, a partir do best-seller do escritor canadiano, *Generation X: Tales for an Accelerated Culture*, que, segundo o professor, “não passa de uma patranha” pois “bem lá no fundo todos nós sabemos que o que dá tesão, ou não, é o corpo do outro” (Direitinho 2018: 42-43).

⁸ “O que é notável na proibição sexual é que esta só se revela plenamente na transgressão. A educação revela-nos um aspecto dela, mas nunca resolutamente formulado. A educação, com efeito, procede tanto por silêncios como por advertências encapotadas. É directamente pela descoberta furtiva – que começa por ser parcial –, no domínio proibido, que a proibição nos aparece. No começo, nada é mais misterioso. Somos admitidos ao conhecimento dum prazer no qual a noção de prazer se confunde com a de mistério, expressivo da proibição que determina o prazer ao mesmo tempo que o condena.” (Bataille, 1988: 94).

“como movimento de fuga e alívio, acto essencial de libertação e de aceitação do ‘eu’ como ele é” (Direitinho 2018: 76), determinante na estimulação do desejo: “a fantasia é sempre um acto transgressor, necessário para todas as almas que acreditam – que acreditam no que quer que seja.” (Direitinho 2018: 22), mesmo sabendo que “não há remédio, nunca”, mas apenas alguns estímulos “para ressuscitar”(Direitinho 2018: 17). Como ainda salienta Bataille, a proibição remete para o universo da ordem e da disciplina, que a transgressão composta de desordens e excessos vem quebrar, num jogo de forças que origina e intensifica o prazer. “[...] nada detém a libertinagem e não há nada como lhe impor limites para ampliar e multiplicar os desejos”, nota também Sade (2006, 52).

Não será por acaso que as pessoas que frequentam esses espaços nocturnos licenciosos são mostradas como as mais regradas durante o dia, a ocupar cargos que lhes conferem estatuto na hierarquia social, procurando com isto apontar do dedo uma certa hipocrisia reinante e tecer simultaneamente uma crítica aos dispositivos e mecanismos construídos, segundo Dadoun, para “domesticar, canalizar ou aniquilar o Eros do corpo” (2003: 10). Veja-se o caso de algumas mulheres que, para além daquela por quem se apaixona e da jovem aluna, são alvo de destaque no diário. Primeiro, a colega universitária de olhar comedido e tímido, professora de Filosofia Medieval com cerca de 40 anos, casada com um alto quadro da administração e extremosa na representação da família, encontrada num clube no papel de uma noviça açoitada por outra mulher com ar de madre superiora e de *flogger* na mão, cumprindo um ritual penitencial com vista à “salvação”. Em seguida, a inspectora da Polícia Judiciária, comparada a um louva-a-deus que devora machos anónimos e usa o corpo do Outro como “um sex-toy que se mexe por si, sem precisar de pilhas” (Direitinho 2018: 101), ou ainda a juíza com “aquela seriedade contínua e estudada, os gestos sempre irrepreensíveis e formais” (Direitinho 2018: 62) envoltos numa toga, que procura, sem qualquer pudor, desafiar os seus limites libidinais e chegar ao verdadeiro “eu”, sendo que “O verdadeiro é aquilo que somos sem repressões”, como salienta o autor na entrevista concedida a Bonifácio (2018). Ao vigiar e punir – *Surveiller et punir*, de Foucault (1976) – sobrepõe-se assim o vigiar e gozar – *Surveiller et jouir*, de Gayle Rubin (2010) –, a ecoar numa passagem particularmente sugestiva sobre a necessidade de se abrirem comportas, de se romper com a sacralidade proibitiva de certas normas socio-morais :

[...] porque um rio não se aprisiona: mesmo quando se constrói nele uma barragem, ele precisa de descargas regulares, nem que seja abrindo fendas no betão: ou então rebenta com o paramento. (Direitinho 2018: 80-81)

Se bem que fundamentalmente centrado numa heterossexualidade com contornos convencionais em que a penetração é sinónimo de dominação, um vasto repertório sexual ganha forma no diário do professor, com cenas de sexo que questionam relações de poder e quebram tabus ou códigos herdados da tradição. Subvertem-se nelas tradicionais papéis de género, com mulheres donas de si e do seu corpo a exercerem funções dominadoras ou homens a assumirem papéis passivos,

Maria Araújo da Silva – ” Percursos de Eros em O escuro que te ilumina ... ”

participando na desconstrução do ideal de virilidade masculina e da “valência diferencial dos sexos” avançada por Hérietier (1996: 24-29). Na exploração do prazer, fundada na procura recíproca de emoções e sensações, esbatem-se fronteiras, dissolvem-se hierarquias num permanente desafio à ordem vigente. No romance-diário, apresenta-se uma imagem da mulher liberta e consciente do papel activo que desempenha no âmbito do erotismo, desafiando o duplo padrão tradicional – activo e passivo – aplicado às sexualidades masculina e feminina. Agentes da sua própria sexualidade, estas mulheres desejanter não hesitam em dar o primeiro passo, revelando um lado mais “selvagem”, como sugere Clarissa Pinkola-Estés em *Femmes qui courent avec les loups*, a propósito do qual Willi Pasini refere:

La “sauagerie” dont parle cette anthropologue, qui a profondément touché l’imaginaire de milliers de femmes, n’est pas un comportement bestial régressif, mais un élan vital qui a gagné nos cultures. (Pasini 2003: 15)

Face ao poder simbólico e à ordem patriarcal, irrompe este “contra-poder do sexo” ou “poder oculto” (Coquillat 2001: 17) assumido por mulheres despidas de qualquer constrangimento que deixam de “fazer corpo” com os esquemas impostos e buscam prazeres intensos em práticas eróticas desinibidas, numa acção reivindicativa de uma liberdade negada durante séculos.

De alto teor erótico e irradiando uma energia transgressiva timbrada de solidão e desespero, esta obra “carnal” em que a linguagem do desejo e do prazer – linguagem excitante, indisciplinada e provocadora – se espraia com toda a força, um Eros plural – simultaneamente solar e crepuscular – afirma-se como “processo dialético entre contínuo e descontínuo” (Alberoni 1989: 32), representado por um conjunto de personagens desejanter e desejadas, levadas a explorar, em variadíssimas situações e propostas eróticas, as mais diversas fantasias, derrubando fronteiras de género e forçando os limites do conformismo e da sexualidade convencional, em configurações próximas do porno *queer* (De Genevieve 2014: 195). Colocado numa posição voyeurística e conduzido pela mão do professor universitário cujo nome desconhece, o leitor assiste a uma contínua celebração do erotismo que cruza amor e morte, ordem e prazer, desejo e interdito, encontro e perda, abrindo espaço para diversas possibilidades de afirmação corporal, sexual e identitária.

Referências

- Alberoni, Francesco (1989), *O Erotismo*. Trad. de Maria Carlota Alvares Guerra. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Baptista-Bastos, *apud* Francisco, Luís (2018), “Andamos a escrever mais sobre sexo, mas será que temos jeito?”, *Ipsilon*, suplemento do *Público*, de 10 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2010/02/10/culturaipylon/noticia/andamos-a-escrever-mais-sobre-sexo-mas-sera-que-temos-jeito-250369>>. Consultado em 10/10/2018.

- Badiou, Alain (2013), *Pornographie du temps présent*. Paris: Fayard.
- Bataille, Georges (1988), *O erotismo*. Trad. João Bénard da Costa (3a ed.), Lisboa: Antígona.
- Baudelaire, Charles (1936), *Les fleurs du mal*. Vol. 3. Paris: Éditions de Cluny.
- Bonifácio, João (2018), “O corpo de Riço Direitinho é um caminho para as suas fragilidades”, *Ipsilon*, suplemento do *Público*, de 1 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/06/01/culturaipsilon/entrevista/o-corpo-de-rico-direitinho-e-um-caminho-para-a-sua-fragilidade-1832498>>. Consultado em 10/10/2018.
- Coquillat, Michelle (2001), “Les femmes, le pouvoir et l’influence”, in Geneviève Sellier, Odile Krakovitch, Éliane Viennot (dir.), *Femmes de pouvoirs : mythes et fantasme*. Paris: L’Harmattan, 17-75.
- Dadoun, Roger (2003), *L’érotisme*. Paris: PUF.
- De Genevieve, Barbara (2014), “The emergence of non-standard bodies and sexualities”, *Porn studies*, 1, 1-2: 193-196.
- Estés, Clarissa Pinkola (1995), *Femmes qui courent avec les loups : Histoires et mythes de l’archétype de la femme sauvage*. Trad. de l’américain par Marie-France Girod. Paris: B. Grasset.
- Foucault, Michel (1976), *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard.
- Héritier, Françoise (1996), *Masculin féminin: La pensée de la différence*. Vol. 1. Paris: Odile Jacob.
- Jorge, Lídia (2010), *apud* Francisco, Luís, “Andamos a escrever mais sobre sexo. Mas será que temos jeito?”, *Ípsilon*, suplemento do *Jornal Público*, 12 de Fevereiro, 6-11.
- Kendrick, Walter (1987), *The secret museum: Pornography in modern culture*. New York: Viking.
- Lopes, Teresa Rita (1990), *Pessoa por conhecer. Textos para um novo mapa*. Lisboa: Estampa.
- Néret, Gilles (2005), *Erotica universalis*. Paris: Taschen.
- Pasini, Willy (2003), *Les nouveaux comportements sexuels*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Paz, Octavio (1995), *A chama dupla: Amor e erotismo*. Trad. de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Raimond, Michel (2000), *Le roman* [1987]. Paris: Armand Colin/HER.
- Rodrigues, Urbano Tavares, “O erotismo na Literatura Portuguesa I”. Disponível em: <<https://damelume.wordpress.com/o-erotismo-na-literatura-portuguesa-i/>>. Consultado em 10/10/2018.
- Rubin, Gayle (2010), *Surveiller et jouir : Anthropologie politique du sexe*. Paris: EPEL.
- Williams, Linda (2014), *Screening sex: Une histoire de la sexualité sur les écrans américains*. Trad. de Raphal Nieuwjaer e Pauline Soulat. Nantes: Éditions Capricci.
- Sade, Marquês de (2006), *Os 120 Dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*. Trad. Alain François. São Paulo: Iluminuras.